

IV PROJETAR 2009

PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA

FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL

Outubro 2009

EIXO: Intervenção

TÍTULO DO TRABALHO: Museu Oscar Niemeyer: a forma gera o programa?

AUTOR 1: Simone Neiva

QUALIFICAÇÃO: doutoranda na área de Projeto de Arquitetura pela FAUUSP

ENDEREÇO: Rua Crisólita, 37 Jardim da Glória, São Paulo, SP. CEP: 01547-090

E-MAIL: simoneiva@gmail.com

AUTOR 2: Rafael Antonio Cunha Perrone

QUALIFICAÇÃO: Professor de Graduação e Pós-Graduação da FAUUSP e

do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

ENDEREÇO: Avenida Caxingui, 191, apto 211. Butantã, São Paulo, SP. CEP: 05579-000

E-MAIL: racperrone@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa o processo de definição da forma e as relativas alterações de programa que estiveram envolvidas na criação da arquitetura do Museu Oscar Niemeyer. Para tanto, foram investigados: uma série de textos sobre o modo de resolução de programas de Oscar Niemeyer durante sua carreira; a primeira listagem de atividades redigida por Oscar Niemeyer (2000); os documentos oficiais apresentados pela Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (2002); o documento “Apresentação”, redigido pelo governo do Paraná (2002) e o programa efetivamente implantado na instituição (2002). Tal documentação foi inspecionada em paralelo com os testemunhos que expõem as alterações formais apresentadas no anteprojeto e no projeto definitivo, e por meio de verificações na obra em si, no intuito de esclarecer o privilégio da forma sobre o programa, na metodologia empregada por Oscar Niemeyer para esse museu.

Palavras-chave: Museu Oscar Niemeyer, forma e programa (intervenção).

ABSTRACT

This article analyses the process of form definition and the relative program changes involved in the architectural creation of the Oscar Niemeyer Museum. Therefore, the following items were investigated: a series of texts about program resolutions throughout Oscar Niemeyer's career; the museum's first function list written by Oscar Niemeyer (2000); the official documents presented by the Special Secretary for Strategic Affairs to the Inter-American Development Bank; the document entitled Apresentação (Presentation), written by the Government of Paraná (2002) and the program that was effectively implemented in the institution (2002). Such documentation was analyzed along with the testimonials that show the formal changes presented in the draft and in the final project, as well as through verifications done in the actual site. All documentation was observed with the intent to clarify the privilege of form over program in the methodology used by Oscar Niemeyer for this museum.

Keywords: Oscar Niemeyer Museum, form and program (intervention).

RESUMEN

Este artículo examina el proceso de definición de la forma y los relativos cambios de programa que estuvieron presentes en la creación de la arquitectura del Museo Oscar Niemeyer. Por tanto, fueron objeto de investigación: una serie de textos sobre el método de resolución de los programas de Oscar Niemeyer en su carrera; la primera lista de actividades elaborada por Oscar Niemeyer (2000); los documentos oficiales presentados por la Secretaría Especial para Asuntos Estratégicos al Banco Interamericano de Desarrollo (2002); el documento "Presentación", elaborado por El Gobierno de Paraná (2002) y el programa realmente ejecutado en la institución (2002). Esta documentación fue inspeccionada juntamente con las pruebas que exponen los cambios formales presentados en el anteproyecto y en el proyecto final y, a través de verificaciones en la obra ensimisma, a fin de aclarar el privilegio de la forma sobre el programa, en la metodología empleada por Oscar Niemeyer para El museo.

Palabras clave: Museo Oscar Niemeyer, la forma y el programa (intervención).

1. INTRODUÇÃO

É difícil compreender a Arquitetura Moderna sem referências ao arquiteto Oscar Niemeyer. Seus edifícios podem ser encontrados de Brasília à Argélia e suas maiores obras fazem parte da História. Seu traço orgânico e sensual tornou a arquitetura moderna brasileira uma referência significativa para o mundo. Seu nome atraiu tanto reverência quanto indignação. Niemeyer é uma figura incomum que resgatou, ao lado de outros modernistas, a arquitetura brasileira de sua dependência histórica, artística e tecnológica. Ele é o pai do traço distintamente brasileiro que “exaltou a plasticidade inerente da curva ante a rígida postura retilínea do Estilo Internacional” (UNDERWOOD, 2002, p.8). Todavia, apesar da extensa bibliografia sobre a obra de Niemeyer, a relação entre forma e programa em sua arquitetura ainda possui aspectos a serem desvendados.

No Brasil, embora a forma tenha sido contemplada por uma série de artigos publicados e investigada em estudos como os de Valle (2000), Queiroz (2003) e Cabral (2002), o processo de criação da arquitetura de Niemeyer ainda tem sido pouco pesquisado e publicado. Infelizmente, nossa exagerada admiração e nosso limitado conhecimento sobre a relação entre forma, programa e outros fatores definidores da arquitetura não podem identificar o propalado alcance de sua obra. O objetivo deste artigo é expor, como no Museu Oscar Niemeyer, tanto no projeto, como na obra – ambos elaborados, em tempo escasso – a preferência pela definição formal e o desejo de evidenciar os desafios da técnica levaram o arquiteto a inventar parte do programa, justificando assim a volumetria projetada e construída

Contemporaneamente, os museus figuram entre os edifícios nos quais os aspectos mais relevantes têm sido relacionados à sua expressão arquitetônica, entendida como enunciado plástico, relegando os aspectos programáticos a um plano secundário. Nos projetos de museus há, quase sempre, uma maior liberdade de especulação formal, nem sempre possível em projetos, por exemplo, de hospitais ou de salas de concertos, em que os programas são mais herméticos e certas definições funcionais mais rígidas. Poderíamos dizer que hoje a ênfase formal, com a intenção de atender à ávida demanda pelo consumo de imagem, aliada a fatores como as superficiais políticas culturais brasileiras, oferecem a Niemeyer uma liberdade de criação plástica quase sem limites, que possibilitam à recorrência da aplicação um método que privilegia a proposição formal.

Nas palavras do próprio Niemeyer, esse método projetual é muito simples. São consideradas, primeiramente, as questões práticas, o ambiente onde será inserida a arquitetura, os aspectos econômicos e a orientação, para só então o arquiteto debruçar sobre o papel a traçar os croquis que definirão a idéia desejada. Somente após a definição da idéia, verifica-se sua compatibilidade com o programa fornecido, o sistema estrutural pretendido e os dimensionamentos. Se tudo funcionar bem, o arquiteto passa a redigir o que chama de “explicação necessária”, expondo seus argumentos. Mas se faltam argumentos o arquiteto volta à prancheta para revisão do projeto. “A maioria dos meus projetos foram aprovados pelo texto, ninguém entende de arquitetura” (NIEMEYER, 1998, p.19). Conclui Niemeyer em um desabafo.

Segundo Niemeyer, em cada um de seus projetos um diferente fator prevalece. Podendo ser tanto uma planta, um partido, um croqui, quanto uma perspectiva. Escolhida a solução o arquiteto projeta em 1:500, a escala que

prefere. Às vezes, confessa, “o que não raro acontece, o programa é desatualizado” (NIEMEYER, 1997, p.42). No caso da Universidade de Constantine sua interferência na elaboração do programa foi direta- “Na proposta que fiz para renovação do ensino na Escola de Arquitetura de Alger, eliminava uma série de disciplinas, prevendo outras, ao meu ver, fundamentais” (NIEMEYER, 1997, p.31), nos relata Niemeyer. Com a proposição do novo programa o número de edifícios universitários foi reduzido de quarenta para cinco, oferecendo ao arquiteto a oportunidade de desenvolver as grandes estruturas que demonstraram todo o arrojo da engenharia e da arquitetura brasileira da época.

No projeto para o Congresso Nacional, as dificuldades foram ainda maiores. O programa simplesmente não existia – “Não foi fácil trabalharem Brasília, e o projeto do Congresso Nacional serve de exemplo. Um trabalho elaborado sem programa [...]. ‘Tudo a correr’ era a palavra de ordem” (NIEMEYER, 2000, p.43). O programa do antigo Congresso do Rio de Janeiro foi utilizado como parâmetro para o Congresso Nacional. Dimensionado por ele mesmo e por Israel Pinheiro, apenas com a multiplicação da área avaliada e dos setores existentes.

Não é sem razão que Stamo Papadaki entende que a arquitetura latino-americana “forçosamente deve assumir o caráter de improvisação como elemento básico” (PAPADAKI, 1956, p. 16). A arquitetura de Niemeyer reflete bem isto. Uma arquitetura extremamente arrojada que condiz com um modo brasileiro, não premeditado de lidar com a vida. É o que também pode se observar no projeto para o museu curitibano. No Museu Oscar Niemeyer, a chancela Niemeyer, sinônimo de monumentalidade e magnitude, ofereceu ao arquiteto uma grande liberdade de criação e de improviso. Nesse projeto, a aplicação do argumento de que “você tem que aceitar que quando uma forma cria beleza ela tem uma função e das mais importantes na arquitetura” (NIEMEYER, 1978, p. 53) é evidente. A forma resultante é surpreendente e o programa encontra-se em um plano secundário. É o que pode ser avaliado.

3. MUSEU OSCAR NIEMEYER

3.1. IMPLANTAÇÃO

Em 2001, a grife Guggenheim cogita erguer no Brasil uma de suas franquias. Curitiba candidata-se, mas perde para o Rio de Janeiro. Entretanto, a idéia de implantar na cidade uma instituição de porte internacional, o maior museu da América Latina, permanece. O arquiteto Jaime Lerner, então governador do Paraná, convida Oscar Niemeyer para transformar o Edifício Castello Branco, obra do próprio arquiteto, projetada em 1967, em um museu. Originalmente destinado ao Instituto de Educação do Paraná, que nunca ocupou o local por razões políticas,¹ o edifício foi utilizado, nos anos subsequentes, por órgãos públicos estaduais. Para aceitar o convite, Niemeyer impôs uma condição: a de “construir um novo prédio, que se tornasse símbolo da instituição

¹ XAVIER, Alberto. **Arquitetura Moderna em Curitiba**. São Paulo: PINI, 1985. Não paginado.

cultural”.² Assim, o arquiteto passa a intervir em sua própria obra visando à mudança de ocupação, o que traz à tona uma de suas antigas convicções sobre a força da beleza na arquitetura:

Uma simples visita ao passado mostra-nos que as obras que ficaram e que a todos surpreendem e emocionam são obras da sensibilidade e da poesia. E, na verdade, diante desses monumentos de graça e beleza, passam a plano secundário, para as épocas futuras, características funcionais e utilitárias (NIEMEYER, 1956, p.41).

O Museu Oscar Niemeyer, inicialmente chamado de Novo Museu Arte, Arquitetura e Cidade, está localizado a 400 metros do edifício sede do governo, o Palácio Iguazu, em uma área denominada Centro Cívico de Curitiba. Limita-se ao sul com o complexo paisagístico projetado, em 1977, por Burle Marx, e a oeste com o Parque João Paulo II, que exhibe uma vegetação típica paranaense e onde se encontra o Memorial da Imigração Polonesa. A leste e a norte o museu tem interface com área residencial e comercial por meio das ruas Marechal Hermes e Manoel Eufrásio, respectivamente.

O Museu Oscar Niemeyer é constituído basicamente por duas grandes edificações, o Edifício Castello Branco e o edifício popularmente batizado de “Olho” ou “Mata-borrão”, um anexo que complementa a proposta. A configuração atual é muito distinta da primeira versão apresentada pelo arquiteto, composta por duas cascas curvas semelhantes à laje superior do Ed. “Olho”, dispostas longitudinalmente sobre a cobertura do Ed. Castello Branco. Essa idéia teve seu desenvolvimento descartado por razões técnicas.³

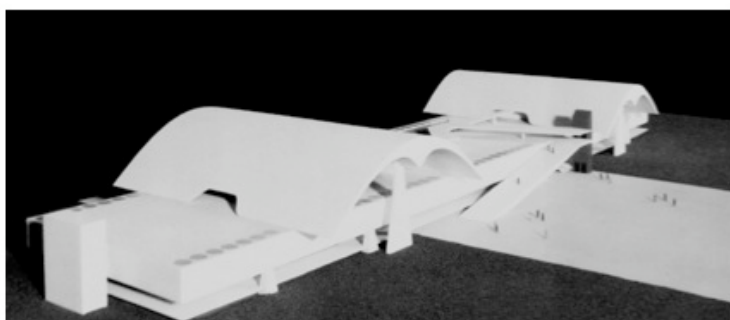


Figura 1. Museu Oscar Niemeyer – 1ª versão – duas cascas curvas sobre o Ed. Castello Branco
Fonte: *Catálogo oficial do Museu Oscar Niemeyer*, 2008

2 FIGUEROLA, Valentina. Concreto, Poesia e Niemeyer: Novo Museu de Curitiba. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n° 106, p. 40, jan. 2003.

³ “A minha primeira idéia foi desenhar um novo museu na cobertura do Edifício Castello Branco, com a mesma audácia estrutural que distinguia aquela construção. Como depois verificamos, essa solução apresentava problemas técnicos difíceis de avaliar, e chegamos a uma outra solução. Surgiu então a idéia de fazer um grande salão independente da obra já realizada que caracteriza a arquitetura do museu.” NIEMEYER, Oscar. Apud STAVI, Brunna. **Maior Museu da América Latina será inaugurado em novembro**. Disponível em: < <http://www.cesbe.com.br/museu/index.htm> >. Acesso em: 30 de maio de 2008.

A solução adotada constitui-se de dois edifícios dispostos paralelamente entre si, implantados obliquamente em relação à rua principal (fig.2). Os edifícios são conectados por uma rampa curva bifurcada e por duas passagens subterrâneas. A visibilidade do edifício existente foi respeitada por meio da suspensão do novo edifício, o “Olho”, dois metros acima da cobertura do edifício Castelo Branco, “[...] um edifício muito bonito” que Niemeyer optou por não esconder (FIGUEROLA, 2003, p. 40). A versão construída criou um contraste marcante entre as linhas retas do edifício existente e as linhas curvas do anexo.

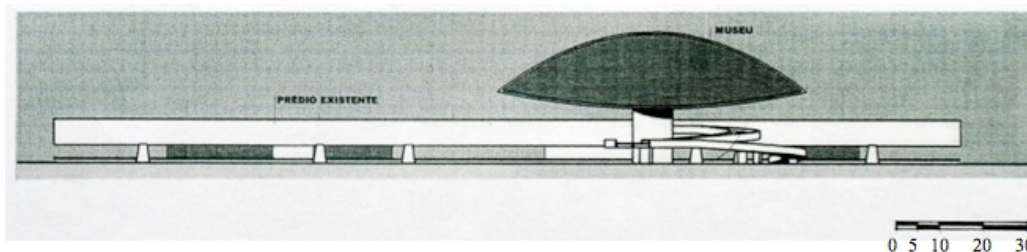


Figura 2. Museu Oscar Niemeyer - elevação principal

Fonte: NIEMEYER, Oscar. **Minha Arquitetura 1937 - 2004**. Rio de Janeiro: Revan, 2004. p. 290

O museu conta com acesso para dois estacionamentos que somam 316 vagas e um acesso para descarga na área técnica do subsolo, pela fachada sul. O acesso público ao museu é facilitado pela proximidade com pontos de ônibus do sistema Ligeirinho. O acesso principal às edificações é feito pela grande rampa sinuosa, e o acesso secundário, por escadas e pequenas rampas da fachada para o parque.

3.2. VOLUMETRIA

3.2.1. Edifício Castello Branco

O Edifício Castello Branco, o mais antigo da composição, foi construído entre 1974 e 1976. Constitui-se de uma barra retangular de concreto protendido, com 200 metros de comprimento por 30 de largura. Sua forma retangular, com grandes vãos e balanços, nos remete ao prédio da Universidade de Constantine, projetado por Niemeyer, na Argélia, alguns anos antes (1969). O Ed. Castello Branco é, basicamente, um volume puro e branco sobre pilotis, com fachada totalmente cega no pavimento superior. A luz natural penetra na arquitetura pela iluminação zenital de grelha longitudinal, posicionada sobre jardins de seixos rolados. Os pilotis são utilizados quase que na totalidade do pavimento térreo, exceto por três núcleos independentes (fig.3): duas caixas de vidro transparente e uma caixa opaca de alvenaria revestida por cerâmica estampada em amarelo e branco. Todos os três núcleos possuem base recessiva em relação à projeção do pavimento superior. O pavimento dos pilotis é composto por 24 colunas em forma de pirâmide invertida alongada, dispostas em espaçamentos alternados: alinhadas às fachadas de frente e de fundos e recuadas 20 metros das fachadas laterais.

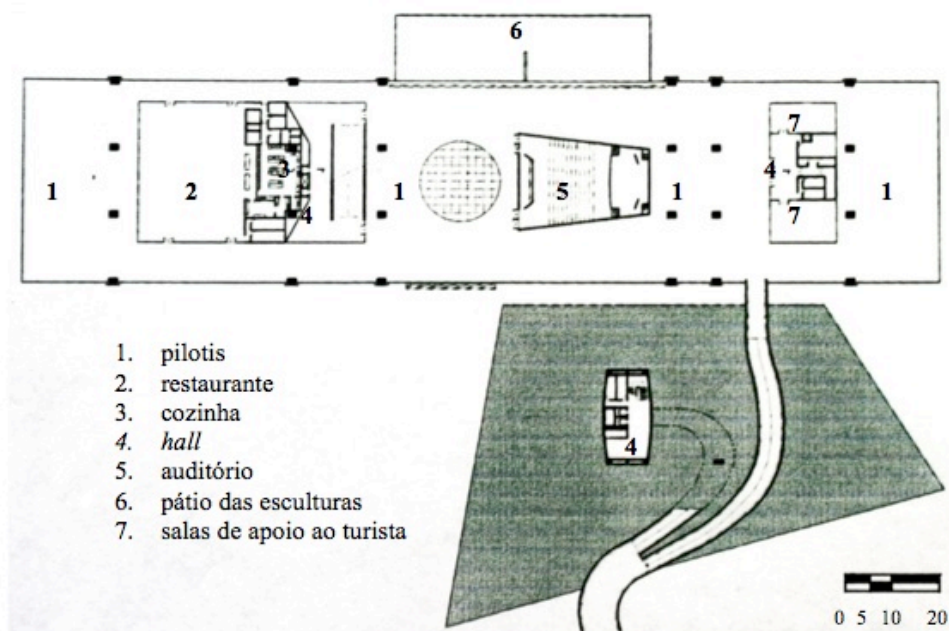


Figura 3. Museu Oscar Niemeyer – planta baixa pilotis
 Fonte: PAIVA, Cida. Novo olhar sobre a cidade. *Finestra/Brasil*, São Paulo, n°32, p.47, jan./fev./mar. 2003.

Sob a grande plataforma dos pilotis, insinuam-se as aberturas de um subsolo semi-enterrado, recuado de sua projeção, que estabelece um rasgo contínuo, em vidro transparente. Além de iluminar o subsolo, essa “linha de vidro” eleva o edifício do solo, criando a sensação de leveza na arquitetura. Parte da laje do subsolo, que excedia a projeção do pavimento superior, foi retirada para a criação de um pátio de esculturas. A construção desse pátio ampliou a intensidade de iluminação natural do subsolo. Há uma indicação em planta para a construção de um espelho d’água no mesmo pátio, o qual não foi construído.⁴

3.2.2. Edifício “Olho”

O novo edifício, denominado “Olho”, surge de um espelho d’água trapezoidal, como se germinasse. A parte superior do edifício consiste em um volume de concreto pintado de branco, com dimensões de 70 x 30 metros em planta baixa, em formato tubular achatado e vedado com vidro em ambos os lados. Esse grande bloco é suspenso a 12,5 metros por uma torre retangular, de seção contínua de 10 x 20 metros, com paredes ligeiramente abauladas nos maiores lados. Suas fachadas são recobertas por cerâmica amarela, na qual foram impressos na cor preta dois desenhos feitos por Niemeyer.⁵ A fachada lateral norte possui a única abertura de uma porta. Posicionada ao final de um dos braços da rampa, essa abertura permite o acesso ao grande salão de exposições do “Olho”.

⁴ Segundo plantas arquitetônicas digitalizadas do Museu Oscar Niemeyer, gentilmente cedidas à autora pelo escritório Brasil Arquitetura.

⁵ Um dos desenhos é um croqui das rampas, o outro mostra uma mulher, apelidada de “a bailarina”, que segura um arco com a mesma curvatura do olho. Uma fantasia, em que mulher e torre confundem-se.

As fachadas do Ed. “Olho” são opostas e idênticas, seus fechamentos são realizados por um caixilho de vidro duplo laminado – *structuralglazing*, na cor preta.⁶ Considerando o conforto termo-acústico, foi desenvolvido um sistema de colmeia de alumínio acoplado entre os vidros. Quanto ao montante metálico, nota-se que na primeira versão do projeto⁷ a esquadria apresentava montantes em sentido vertical. Depois do dimensionamento feito pela empresa contratada, essa opção foi descartada por Niemeyer, pois “a estrutura 100 x 300 mm ficaria com a aparência de pilares de apoio da casca superior.”⁸ Assim, o arquiteto idealiza uma estrutura em diagonal a 45°, visualmente mais leve. Além da mudança no sentido dos montantes, outro artifício para obter leveza é utilizado. A estrutura metálica, ancorada exteriormente, sobrepõe-se à borda de concreto da laje. Isso faz com que a espessura da laje curva, coberta pelo vidro em mais da metade de sua dimensão, pareça muito mais fina e leve na fachada.

3.2.3. A rampa

No conjunto, a rampa é um volume à parte. Com dimensões generosas, concede acesso independente a cada um dos edifícios depois de uma bifurcação. No anteprojeto, esse elemento foi desenhado como uma fina laje sem guarda corpo, localizada junto ao solo e ao espelho d’água, seguindo até o primeiro pavimento do “Olho” e os pilotis do Ed. Castello Branco. Com as mudanças de projeto exigidas pela realidade do acentuado declive do terreno em relação à rua, a rampa chega não mais ao segundo pavimento do “Olho”, mas ao *hall* do quarto pavimento, imediatamente abaixo do volume tubular.

No projeto construído, a rampa ganha massa (fig.14), o parapeito sobe suavemente acompanhando a curvatura do piso. À noite, o lado direito da rampa recebe, sob a projeção do parapeito, uma iluminação linear embutida, que reforça a sinuosidade criada por Niemeyer. Diferentemente da fina laje da primeira solução, a rampa sobe e se transforma em uma canaleta branca que aproxima ainda mais o visitante do enorme balanço do “Olho”. Conforme o ponto de vista, o parapeito confunde-se com as paredes brancas e cegas do Castello Branco e com o muro branco. Em alguns momentos o “Olho” se vê envolvido por tiras brancas. Assim destacado, de anexo passa a protagonista do complexo.⁹

A rampa bifurcada permite diferentes vistas dos volumes, uma aproximação emocionante. Esse artifício, recorrente na obra de Niemeyer, confere um belo passeio ao redor da arquitetura. Entretanto, do duplo acesso ao museu resulta a falta de controle da entrada e saída dos visitantes da edificação. O mesmo efeito colateral é visto no Museu de Arte Contemporânea de Niterói. Em ambos os casos o visitante, ao tomar o “caminho errado”, é

⁶ No artigo publicado pela revista *Finestra Brasil* (2003) o vidro original, mais transparente, é descrito como sendo de cor cinza.

⁷ Versão anexada ao documento **Novo Museu**. Apresentação ao BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento. Programa de Valorização Cultural do Paraná. Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos, 29 de março de 2002.

⁸ PAIVA, Cida. Novo olhar sobre a cidade. **Finestra Brasil**. São Paulo. n° 32, jan./mar. 2003 p. 44.

⁹ Em uma publicação de 2004 o Ed. “Olho” é tratado como museu e não mais como anexo. NIEMEYER, Oscar. **Minha Arquitetura 1937 - 2004**. Rio de Janeiro: Revan, 2004. p. 290

advertido por um funcionário de prontidão a retornar e entrar pela “entrada correta”. A implantação do Museu Oscar Niemeyer pode ser comparada à do Museu de Arte Moderna de Caracas, onde a praça também é rebaixada em relação ao nível da rua principal.

3.3. ESTRUTURA

3.3.1. Edifício Castello Branco

O volume principal do Ed. Castello Branco é constituído por quatro vigas, duas transversais e duas longitudinais, formando um enorme retângulo. As barras são suspensas por um grupo de 24 pilares robustos de base retangular e seção de tronco de pirâmide invertida no subsolo e nos pilotis, e por pilares de base e de seção retangular no primeiro pavimento. O espaçamento entre pilares é regular no sentido transversal, de 15 em 15 metros, e irregular no sentido longitudinal, variando entre 10 e 65 metros. As duas linhas de pilares localizados nas extremidades afastam-se simetricamente 20 metros da projeção da edificação. O conjunto de pilares das fachadas longitudinais avança meio corpo em relação à projeção da barra, enquanto o conjunto de pilares internos posiciona-se de modo a delimitar as circulações do pavimento superior: rampas interna e externa demolidas na reforma. Sobre os pilares se apoiam quatro linhas longitudinais de vigas com 4,5 metros de altura, interrompidas transversalmente nas áreas de circulação. As vigas cumprem ao mesmo tempo as funções de estrutura, parede e vedação. O piso do primeiro pavimento é formado por uma laje plana de 25 cm, originalmente recoberta com piso de concreto pré-moldado, criando um vazio para passagem das antigas tubulações. Depois da reforma, parte do concreto pré-moldado foi retirada, dando origem a um piso rebaixado para aumentar o pé-direito do salão central.¹⁰ A cobertura é composta por vigas nervuradas, transversais, espaçadas de um metro sob a laje impermeabilizada, exceto sobre as áreas dos jardins, onde as mesmas vigas formam grandes pergolados longitudinais, permitindo a entrada de luz natural.

3.3.2. Edifício “Olho”

A Cesbe, mesma empresa que executou o projeto do Ed. Castello Branco, foi responsável pela execução do Ed. “Olho”. O prazo estipulado pelos cronogramas era de 150 dias,¹¹ o que provavelmente forçou a aplicação de um sistema construtivo pouco convencional. O volume do “Olho” é suspenso por duas paredes portantes de 9,10 por 1,20 metros, em concreto protendido, que descarregam em dois blocos de fundação de 160 m³. As paredes portantes são lateralmente vedadas por outras duas paredes convencionais, ligeiramente abauladas e compoendo uma torre de base retangular. Sobre a torre se apoiam duas grandes vigas longitudinais de 70 metros, afastadas cinco metros das paredes portantes da torre e 30 metros das paredes convencionais. Interligando as vigas curvas

¹⁰ Sobre esse assunto o arquiteto do escritório Brasil Arquitetura, Marcelo Ferraz, declara em entrevista sua insatisfação com o resultado final visto no salão de exposições do Castello Branco: “O degrau existente equivale a um reforço da viga. Deveria ter sido quebrado, mas não foi.”

¹¹ Documento **Reunião com o Governador Jaime Lerner**, anexo ao caderno de apresentação ao Banco Interamericano de Desenvolvimento produzido pela Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos em 19 de março de 2002.

estão aproximadamente 60 vigas transversais que perfazem duas linhas de auxílio estrutural para o fechamento da casca inferior e para a sustentação da laje do pavimento superior. A cobertura do edifício é feita por uma grande curva parabólica, composta por vigas curvas longitudinais em concreto armado. Essas vigas vencem todo o vão e apoiam-se nas extremidades da viga inferior, completando o volume chamado “Olho” por compressão. Devido ao rígido cronograma, cogitou-se a utilização de uma cobertura metálica para o fechamento do volume, possibilidade descartada por Niemeyer (PAIVA, 2003, p. 51).

3.4. COMPARTIMENTAÇÃO

3.4.1. Edifício Castello Branco

No Ed. Castello Branco a compartimentação da área expositiva do pavimento superior encontra-se sujeita à disposição das grandes vigas estruturais. As chamadas vigas-paredes subdividem a área do grande retângulo em nove salões lineares. Contíguos a cada salão estendem-se nove jardins de seixos rolados encimados por grelha de concreto. A configuração linear induz a um trajeto sequencial, contudo é possível certa flexibilidade na escolha da ordem de visita às obras. Os pilotis, por sua vez, exceto pelas caixas de vidro do restaurante, do auditório e do apoio aos turistas, comportam-se como um espaço expositivo sem paredes, o que permite total liberdade de percurso. Dois terços do subsolo são destinados a áreas administrativas e técnicas, sendo organizado por um número razoável de divisões. O terço restante, denominado “Espaço Niemeyer”, recebe iluminação natural do pátio de esculturas. Essa área, segundo Marcelo Ferraz, foi proposta como um espaço organizador do museu de fluxos,¹² a exemplo do projeto do arquiteto I.M.Pei para o Museu do Louvre.

Como dissemos anteriormente, a reforma do Ed. Castello Branco ficou a cargo do escritório Brasil Arquitetura, o que gerou uma espacialidade distinta das concebidas por Oscar Niemeyer. Se observarmos as plantas do anteprojeto, anexas ao documento “Novo Museu”,¹³ é possível verificar que num primeiro momento a parte central do subsolo apresentava um mezanino de linhas retas, circundado por vidro, que dialogava com o resto da proposta formal. Na solução construída, o mesmo espaço configura-se como um salão circular, abraçado por paredes curvas. Segundo Marcelo Ferraz,¹⁴ essa foi a única participação de Niemeyer em todo o projeto de reforma do Castello Branco. O piso de vidro, definido pela equipe de Niemeyer, projetou uma estrutura muito pesada que necessitava de vigas de apoio. Depois da análise da primeira solução pelo arquiteto, Niemeyer sugeriu uma segunda versão, que deixou o salão mais livre e os percursos mais fluidos.

3.4.2. Edifício “Olho”

¹² Entrevista concedida pelo arquiteto Marcelo Ferraz, sócio-diretor do escritório Brasil Arquitetura (São Paulo, 8 de abril de 2008)

¹³ **Novo Museu.** Apresentação ao BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento. Programa de Valorização Cultural do Paraná. Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos, 13 de março de 2002.

¹⁴ Entrevista concedida pelo arquiteto Marcelo Ferraz, sócio-diretor do escritório Brasil Arquitetura (São Paulo, 8 de abril de 2008)

Com uma área de 1.288 m², o maior salão expositivo do museu encontra-se no edifício “Olho”. A partir do Ed. Castello Branco ele pode ser acessado por túnel, por elevador ou pelas escadas que partem do *hall* do primeiro andar da torre. No salão, o primeiro elemento que se mostra é o grande teto curvo com 12 metros de altura no vértice. A curva é internamente revestida por centenas de plaquetas de alumínio que difundem a luz artificial. O espaço do salão é único, organizado por três divisórias curvas numa configuração semelhante à vista no “Espaço Niemeyer”. As divisórias não atingem o teto, e, portanto não alteram a percepção da totalidade do espaço expositivo. Nem mesmo o volume do monta-cargas para obras perfura o salão. A opção pela segmentação do salão com divisórias curvas centrais contrasta com a versão do anteprojeto, em que paredes retas, com vista em forma de leque, alinhavam-se paralelamente à fachada de vidro.

3.5. PROGRAMA

A primeira proposta de programa para o Museu Oscar Niemeyer, ainda tratado como Novo Museu do Paraná, é registrada no documento “Apresentação” produzido pelo Governo do Paraná, em novembro de 2000 (Tabela 1). O documento descreve as qualidades da cidade de Curitiba e sugere o edifício Castello Branco, como local adequado à implantação de um museu. Além disso, o documento traz o anteprojeto do “novo prédio”, posteriormente apelidado de “Olho”. A porção do texto que trata do programa, denominada “explicação necessária”,¹⁵ foi escrita pelo próprio Niemeyer. No texto, o arquiteto declara que o apoio da arquitetura do Ed. Castello Branco possibilitou “organizar os diversos setores do museu com a amplitude poucas vezes permitida nos museus construídos”. A situação observada *in loco* revela uma realidade oposta. O programa do Ed. Castello Branco permite que o museu sobreviva sem o apoio do “Olho”, um anexo que praticamente repete as atividades já encontradas no antigo edifício.

O programa de 2000, proposto por Niemeyer, assemelha-se a uma primeira lista, sem muita profundidade. Nele está proposta a divisão do museu em grupos de áreas funcionais e a implantação de seis auditórios, sendo um para 1.000 lugares e outros cinco para 25 e 50 lugares. Diante da realidade atual do edifício, essa primeira proposta parece desproporcional. Hoje, o Castelo Branco possui um auditório para 384 lugares que, segundo o arquiteto Bruno Smith,¹⁶ assessor técnico do museu, atende perfeitamente a demanda. Nesse mesmo programa notamos a ausência do item auditório para o “Olho”, implantado posteriormente.¹⁷ O mesmo documento é acompanhado de um jogo de plantas que indica um depósito (fig.4), onde hoje aparentemente encontra-se um mini-auditório (fig.5) (Tabela 4). De imediato, poderíamos pensar que a forma abaulada da parte inferior do “Olho” houvesse sugerido a proposição de um auditório para o espaço curvo, mas ao observamos o programa e

¹⁵ Um texto mais completo, também denominado explicação necessária, foi divulgado no site da construtora Cesbe. Disponível em: www.cesbe.com.br/museu. Acesso em: 31 de maio de 2008.

¹⁶ Entrevista concedida pelo arquiteto Bruno Smith, assessor técnico do Museu, à autora em visita ao museu (Curitiba, 29 de fevereiro de 2008)

¹⁷ Não foi permitido o acesso ao auditório do “olho” na data da visita da autora ao Museu Oscar Niemeyer.

as plantas correspondentes, verificamos que as decisões arquitetônicas não foram tomadas necessariamente nessa ordem. Primeiro surgiu a proposição formal.

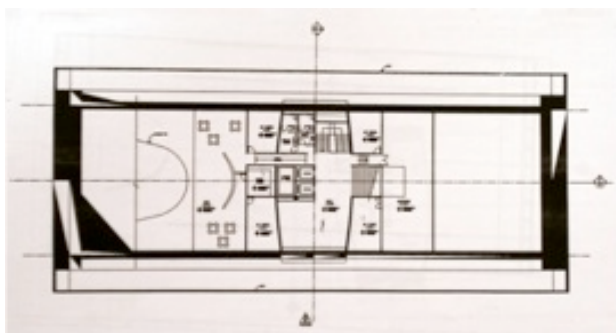


Figura 4. Museu Oscar Niemeyer – Ed. “Olho” – depósito ao lado direito (desenho sem escala).
Fonte: **Apresentação**. Documento redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000. Não paginado.

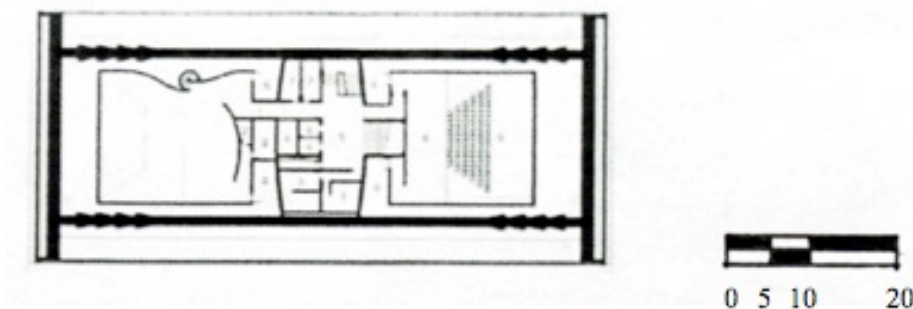


Figura 5. Museu Oscar Niemeyer –Ed.”Olho” – auditório ao lado direito.
Fonte: PAIVA, Cida. Novo olhar sobre a cidade. **Finestra/Brasil**, São Paulo, n°32, p.46, jan./fev./mar. 2003.

Ao compararmos o programa apresentado pelas plantas do anteprojeto, correspondentes ao programa 2000, com o programa implantado (Tabela 4), verificamos que o espaço chamado de torre de fotografia não se destinava à atividade expositiva. No anteprojeto, o subsolo apresenta banheiros e um compartimento com finalidade não indicada. No primeiro pavimento, repetem-se as mesmas divisões do subsolo, mas sem previsão de usos, e o que embaixo eram banheiros mostra-se como um espaço vazio, uma saleta. O segundo pavimento é tratado como *hall* de entrada para a torre.¹⁸ O terceiro e o quarto pavimentos exibem dois jogos de banheiros, sendo indicado, no espaço que hoje serve à exposição de fotografias, o dístico “serviços do museu”, sem maiores definições. No quinto pavimento encontra-se o *hall* de acesso ao salão principal do “Olho” e mais banheiros. Todos os pavimentos são atravessados por uma caixa com elevadores de passageiros e um monta-cargas para o transporte de obras (fig.6). A partir do quinto pavimento temos acesso aos espaços da curva inferior do “Olho”. De um lado está um bar, que ocupa apenas a metade da sala em razão da parede em curva ascendente, e sobre ele o mezanino. Do outro lado há uma pequena escada de acesso para o então depósito, posteriormente transformado

¹⁸ No anteprojeto a rua aparece sem desnível e a rampa toca o “Olho” no segundo pavimento.

em mini-auditório. Esse aproveitamento dos “espaços curvos” foi visto pelo engenheiro Carlos Sussekind¹⁹ como um dos pontos positivos do projeto. Na proposta do anteprojeto, no depósito, onde a curva do piso é mais íngreme, o espaço seria inutilizado, vedado pelos quatro lados. No corte (fig.7) é possível ver uma parede divisória fixa. Na fachada da curva inferior, o vidro escuro oculta uma parede cega que isola as atividades do contato com o exterior. O salão de exposições manteve as funções propostas pelo programa 2000.

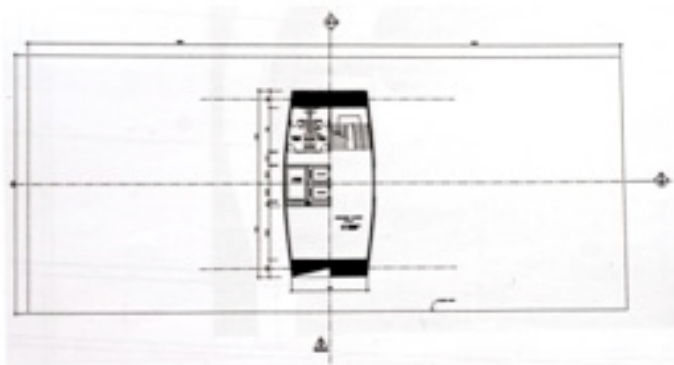


Figura 6. Museu Oscar Niemeyer – pavimento “tipo” da torre (desenho sem escala).
Fonte: **Apresentação**. Documento redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000. Não paginado.

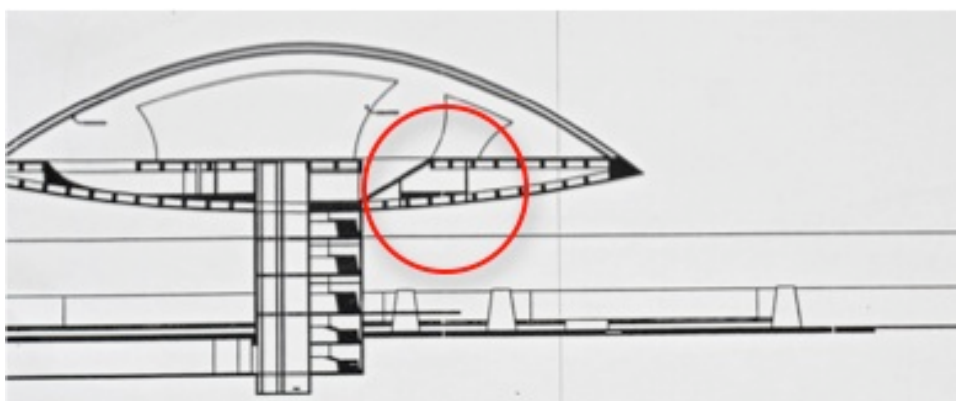


Figura 7. Museu Oscar Niemeyer – Ed. “Olho” – parede divisória fixa (sem escala)
Fonte: **Apresentação**. Documento redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000. Não paginado.

Em 13 de março de 2002, uma segunda proposta de programa é apresentada ao Banco Interamericano de Desenvolvimento pela Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos, como parte do Programa de Valorização Cultural do Paraná (Tabela 2). Ao documento foram anexadas²⁰ as antigas plantas baixas do Castello Branco contendo as atividades definidas à mão sobre o desenho e um corte do “Olho” enfatizando as diferentes alturas para pé-direito oferecidas pela curva da cobertura. A essa altura o programa não parece estar consistentemente definido e o documento, aparentemente, tem a finalidade principal de demonstrar as vantagens relativas à ampliação das áreas expositivas ao salientar que

¹⁹ FIGUEROLA, Valentina. Concreto, Poesia e Niemeyer: Novo Museu de Curitiba. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n° 106, p. 40, jan. 2003.

²⁰ Anexo **Reunião com o governador Jaime Lerner**, Curitiba, 19 de março de 2002.

O museu oferecerá áreas de exposição com cerca de 6.000 m², área comparável à da Oca, em São Paulo, ao oferecido pelo Museu Guggenheim Bilbao, à Pinacoteca de São Paulo, ao novo Museu de Arte Moderna em São Paulo, e ao Museu de Arte da Avenida Paulista, e ao Museu de Niterói. ²¹

Todavia, se compararmos o programa de 2002 ao programa de 2000, observaremos uma maior divisão de atividades por pavimento no Ed. Castello Branco, enquanto o programa para o Ed. “Olho”, ainda denominado “novo prédio”, dois anos mais tarde, permanece sem definição quanto às atividades a ser alocadas nas salas da torre. Numa nova versão do documento, atualizada em 29 de março (Tabela 3), no programa do “Olho”, há uma indicação de que as áreas expositivas somadas totalizariam 1.708m², ou seja, a soma da área do salão principal com a área das salas da torre. Pela primeira vez é sugerida uma atividade expositiva para o espaço da torre. Excede a essa soma a área do bar, também indicada como área para exposição. A essa versão atualizada foram anexadas perspectivas isométricas dos dois edifícios. Numa delas nota-se, surpreendentemente, a supressão de um pavimento completo da torre do “Olho”.

4. ALTERAÇÕES E ADEQUAÇÕES

Os documentos “Apresentação”, de 2000, e “Novo Museu”, de 2002, apresentam plantas e fotos da maquete do museu que revelam algumas alterações no edifício “Olho”, em relação ao projeto construído. Chamam nossa atenção, particularmente, duas delas: a existência de um acesso independente de obras de arte para o “Olho” (fig. 8) e a falta de desnível do terreno em relação à rua (fig.9). O desenho de implantação indica uma entrada para carros que parte da Rua Marechal Hermes, passa por sob o espelho d’água e chega diretamente ao elevador de esculturas do subsolo. Essa passagem, suficiente para que um veículo chegue até o elevador, ao tocar a torre, curva-se em direção ao Ed. Castello Branco, como um pequeno túnel de um metro e meio. Essa primeira idéia mostra no projeto a intenção de manter a independência entre os edifícios. Uma passagem no subsolo com essa largura seria suficiente para o deslocamento de pessoas, mas não de grandes obras do acervo até o salão de exposições do “Olho”. Isso pode explicar, de certo modo, a razão da existência de um depósito na parte inferior direita do “Olho”, onde provavelmente seriam acondicionadas as obras.

²¹ **Novo Museu.** Apresentação ao BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento. Programa de Valorização Cultural do Paraná. Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos, 13 de março de 2002.

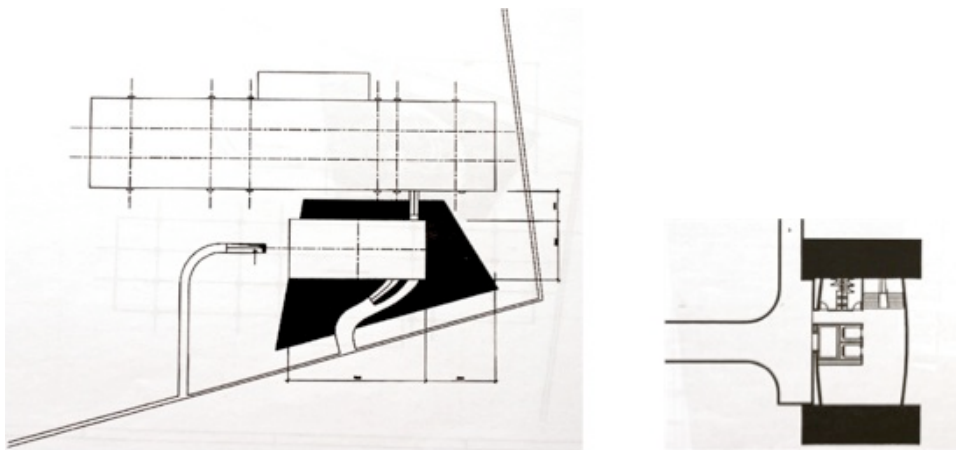


Figura 8. Museu Oscar Niemeyer – implantação de anteprojeto e passagem de 1,50m entre as edificações. (sem escala)
 Fonte: **Apresentação**. Documento redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000. Não paginado.

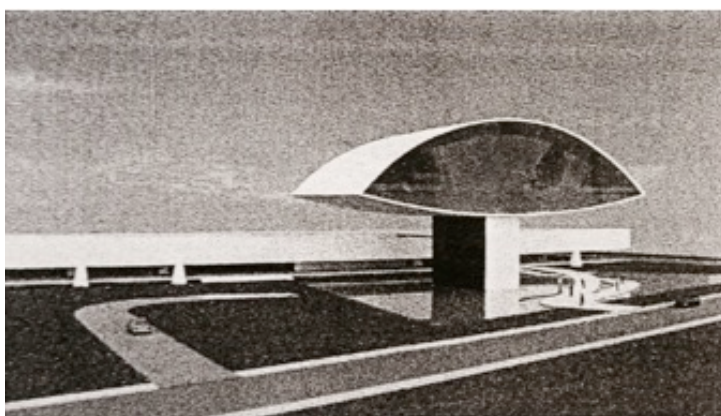


Figura 9. Museu Oscar Niemeyer – maquete do anteprojeto – terreno sem desnível.
 Fonte: **Apresentação**. Documento redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000. Não paginado.

Em entrevista, o arquiteto Marcelo Ferraz²² declara que “o Brasil Arquitetura sugeriu um túnel maior para a ligação entre as arquiteturas. O desenho arredondado ficou por conta do Oscar Niemeyer. A fundação do ‘Olho’ já estava pronta e não deu pra mudar muita coisa.” Uma planta geral do museu, anexada ao documento “Novo Museu”, de 29 de março de 2002, apresenta uma segunda versão de ligação. Uma passagem onde o túnel que parte da rua segue até um *hall* e daí, em três direções: subsolo do “Olho” e subsolo do Castello Branco em dois pontos. A solução empregada difere das duas primeiras. Hoje se vê um túnel público entre Ed. Castello Branco e Ed. “Olho”, e outro corredor estreito que atravessa a casa de máquinas. A dimensão reduzida do corredor privativo restringe seu uso, obrigando o transporte de obras a ser feito somente pelo túnel público, possivelmente depois do fechamento do museu aos visitantes. Na solução adotada, poderíamos dizer que o pequeno corredor de 1,50metro, observado no anteprojeto, foi alargado e franqueado ao público. O acabamento dado por Niemeyer ao túnel, que acompanha os materiais de revestimento de áreas nobres, o trajeto sinuoso e a iluminação cuidada são convidativos e nos dão a impressão de que avançamos em direção a um “acontecimento”. A expectativa é então

²² Entrevista concedida pelo arquiteto Marcelo Ferraz, sócio-diretor do escritório Brasil Arquitetura (São Paulo, 8 de abril de 2008)

frustrada quando nos deparamos, ao final da caminhada, com uma porta pantográfica do elevador monta-cargas e uma pequena porta de passagem lateral estreita (fig. 10).



Figura 10. Museu Oscar Niemeyer – expectativa frustrada – ao final do túnel avistamos uma porta pantográfica e uma pequena passagem lateral para o Ed. “Olho”.
Fonte: MELENDEZ, Adilson. Em dois edifícios, museu combina o passado e o presente, de olho no futuro. **Projeto/ Design**, nº275, p.47, jan. 2003.

Outra modificação evidente na comparação entre plantas é a diferença entre o nível do terreno apresentado no anteprojeto e o nível do terreno real. Tanto as plantas como os cortes do anteprojeto mostram a construção no mesmo nível do terreno – situação evidenciada pela foto da maquete. Com todas as edificações projetadas no nível da rua, a rampa que conecta a rua ao museu sofre uma pequena inclinação e toca o edifício “Olho” no segundo pavimento e o Ed. Castello Branco, nos pilotis. Com a adaptação do projeto às condições reais do terreno, a rampa passa a tocar o Ed. “Olho” no quarto pavimento, abaixo do salão. A entrada direta para o “Olho” por rampa reforça, juntamente com a passagem independente do subsolo vista no anteprojeto, a intenção de independência desse edifício em relação ao Ed. Castello Branco. Seguindo a rampa, seria possível uma visita somente ao “Olho”, sem passarmos pelo restante do museu, e as obras seriam guardadas no depósito abaixo do salão. A mesma adaptação ao terreno pode ter gerado outra alteração: a supressão de um andar. Possivelmente, para trazer maior equilíbrio entre as proporções torre-olho, agora vistas sobre um ponto de vista com nova cota, todo um andar foi eliminado do projeto. Essas alterações demonstram a facilidade de alteração de um programa indefinido e bastante flexível.

5. CONSIDERAÇÕES

Inicialmente, o convite do governador Jaime Lerner para a implantação de um museu no Paraná atinha-se à renovação do Ed. Castello Branco (1967): um edifício com área suficiente para atender às atividades relativas a um museu de grande porte, o que faz com que, na primeira proposta, Niemeyer sugira apenas a sobreposição de duas cascas acopladas ao edifício existente. A proposta foi rejeitada por razões técnicas. O arquiteto propôs, então, um “novo edifício”, a princípio, independente do edifício Castello Branco. Uma arquitetura composta por

um enorme volume em formato tubular achatado, com 70 metros de largura, sobreposto a uma torre retangular. Uma maravilha da técnica construtiva.

Em 2000, Niemeyer formula o primeiro programa para o museu. Uma lista sem muitas especificações, anexada ao documento dirigido ao Banco Internacional de Desenvolvimento, possível financiador. Nesse documento, o programa para a torre do Ed. “Olho”, sem muita definição, indica que as salas existentes serão destinadas a “serviços do museu”, e a parte inferior direita do Ed. “Olho”, a um depósito. Anexado ao documento está o anteprojeto, que revela a independência entre os dois edifícios no que concerne ao transporte de obras de arte. A única ligação interna entre os edifícios é uma pequena passagem subterrânea de um metro e meio. Nesse momento a forma já está definida (um grande salão em formato de olho sob uma torre), contudo nota-se que essa não se adapta perfeitamente ao grande declive do terreno.

Passados dois anos, uma nova proposta foi apresentada ao Banco Interamericano de Desenvolvimento. Dessa vez, o programa para o Ed. Castello Branco foi composto por um número pouco maior de atividades. Mesmo assim a listagem é incipiente, quando comparada ao programa efetivamente implantado. Nesse documento, de 2002, todas as áreas disponíveis do “Olho” são somadas, perfazendo um total de cerca de 6.000 m². O intuito dessa soma é promover o Museu Oscar Niemeyer, colocando-o no mesmo nível de outros grandes espaços expositivos brasileiros e internacionais. Com esse objetivo, as salas da torre, anteriormente ditas de “apoio aos serviços do museu”, são tratadas como salas de exposição, necessárias ao acréscimo de áreas expositivas.

A convite de Niemeyer, a renovação do Ed. Castello Branco ficou a cargo do escritório Brasil Arquitetura, que desenvolveu o programa somente para o antigo edifício. A única participação de Niemeyer no projeto resume-se à remodelação do “Espaço Niemeyer”, no subsolo. A dedicação do arquiteto concentra-se no novo edifício, o “Olho”. Comparando-se os programas propostos ao longo do processo para esse edifício e o que foi efetivamente implantado, notamos que o programa aos poucos foi sendo modificado para que se adaptasse às formas previamente definidas das curvas sob o salão do “Olho” e às pequenas salas da torre. Não foi encontrado nenhum documento que indicasse a existência de um projeto museológico prévio para o Ed. “Olho”. Em relação a delimitações de áreas e funções, aparentemente a liberdade de definições foi total.

Com exceção do grande salão para exposições, fixado desde o início, o qual justificaria a construção do novo prédio, as demais atividades vão sendo constituídas ao longo do projeto. Por exemplo, depois da sugestão do escritório Brasil Arquitetura para que houvesse um alargamento da passagem entre os museus, o trânsito de obras do Ed. Castello Branco até o salão do “Olho” torna-se possível e o depósito passa a ser inútil. Esse espaço é então transformado em um mini-auditório, que acompanha a grande curva do piso. A torre, por sua vez, a despeito de suas paredes abauladas, tem as salas destinadas à exposição de fotografias, necessitando da construção de paredes retas postiças para melhor atender a essa função. Aparentemente, a atividade específica “exposição de fotografia” parece ter sido a última a ser definida, pois não aparece em nenhum dos programas encontrados. Além dessas alterações, no projeto final notamos a supressão de um andar inteiro da torre, o que demonstra mais uma vez a grande flexibilidade do programa para o “Olho”. É importante lembrar que, nesse

caso, tal flexibilidade só foi possível pelo fato de as atividades mais técnicas, como guarda de acervo, por exemplo, já estarem solucionadas no Ed. Castello Branco.

Neste artigo podemos observar o privilégio das proposições formais sobre o programa, na metodologia empregada por Oscar Niemeyer para o Museu Oscar Niemeyer, mais especificamente, nos procedimentos utilizados na definição do Edifício “Olho”. Ao analisarmos o material encontrado, as alterações de seu programa, em razão direta da proposição formal, tornaram-se evidentes. Assim, uma das interpretações mais visíveis é a de que no projeto Museu Oscar Niemeyer foi concedida a Niemeyer uma quase total liberdade de atuação em relação ao programa, e que tal liberdade, sem dúvida, lhe permitiu explorar seu próprio repertório com um maior controle formal.

A investigação que se realizou, mais do que pelo que consolidou, sugere novas hipóteses sobre a metodologia na construção do repertório das obras de Oscar Niemeyer. Aponta no sentido de sua adequada competência na proposição de formas que configuram programas, quanto mais se necessita da apresentação de um projeto substantivo que confirme a inexistência de um programa consistentemente desenhado.

A genialidade de Oscar Niemeyer provavelmente também se reveste dessa capacidade.

6. REFERÊNCIAS

- Apresentação.** Documento redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000.
- CABRAL, Fernando Frank. **A procura da beleza: aprendendo com Oscar Niemeyer.** Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2002, 255 p.
- FIGUEROLA, Valentina. Concreto, Poesia e Niemeyer: Novo Museu de Curitiba. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n° 106, p. 40, jan. 2003.
- NIEMEYER, Oscar. **A forma na arquitetura.** Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- NIEMEYER, Oscar. **As Curvas do tempo: memórias.** Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- NIEMEYER, Oscar. **Conversa de Arquiteto.** Rio de Janeiro: UFRJ / Revan, 1997.
- NIEMEYER, Oscar. Depoimento. **Módulo**, n° 9, p. 3-6, 1958.
- NIEMEYER, Oscar. **Inauguração do Novo Museu.** Disponível em: <www.cesbe.com.br/museu>. Acesso em: 31 de maio de 2008.
- NIEMEYER, Oscar. **Minha Arquitetura 1937 - 2004.** Rio de Janeiro: Revan, 2004. p. 290
- NIEMEYER, Oscar. **Minha Arquitetura.** Rio de Janeiro: Revan, 2000.
- NIEMEYER, Oscar. **Diálogo pré-socrático.** São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi, 1998
- Novo Museu.** Apresentação ao BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento. Programa de Valorização Cultural do Paraná. Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos, 13 de março de 2002.
- Novo Museu.** Apresentação ao BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento. Programa de Valorização Cultural do Paraná. Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos, 29 de março de 2002.
- PAPADAKI, Stamo. **Oscar Niemeyer: work in progress.** New York: Reinhold. 1956.
- QUEIROZ, Rodrigo Cristiano. **O desenho de um processo : os estudos de Oscar Niemeyer para o projeto do edifício do Congresso Nacional de Brasília.** Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2003, 309 p.
- Reunião com o Governador Jaime Lerner**, anexo ao caderno de apresentação ao Banco Interamericano de Desenvolvimento produzido pela Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos em 19 de março de 2002.
- STAVI, Brunna. **Maior Museu da América Latina será inaugurado em novembro.** Disponível em: <<http://www.cesbe.com.br/museu/index.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2008.
- UNDERWOOD, David. **Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil.** São Paulo: Cosac&Naify, 2002.

VALLE, Marco Antonio Alves do. **Desenvolvimento da forma e procedimentos de projeto na arquitetura de Oscar Niemeyer (1935-1998)**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2000, 692 p.
XAVIER, Alberto. **Arquitetura Moderna em Curitiba**. São Paulo: PINI, 1985. Não paginado.

7. LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Museu Oscar Niemeyer – 1ª versão – duas cascas curvas sobre o Ed. Castello Branco

Fonte: **Catálogo do Museu Oscar Niemeyer**, 2008

Figura 2. Museu Oscar Niemeyer – elevação principal

Fonte: NIEMEYER, Oscar. **Minha Arquitetura 1937 - 2004**. Rio de Janeiro: Revan, 2004. p. 290

Figura 3. Museu Oscar Niemeyer – planta baixa pilotis

Fonte: PAIVA, Cida. Novo olhar sobre a cidade. **Finestra/Brasil**, São Paulo, n°32, p.47, jan./fev./mar. 2003.

Figura 4. Museu Oscar Niemeyer - Ed. “Olho” – depósito ao lado direito (desenho sem escala).

Fonte: **Apresentação**. Documento redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000. Não paginado.

Figura 5. Museu Oscar Niemeyer –Ed.”Olho” – auditório ao lado direito.

Fonte: PAIVA, Cida. Novo olhar sobre a cidade. **Finestra/Brasil**, São Paulo, n°32, p.46, jan./fev./mar. 2003.

Figura 6. Museu Oscar Niemeyer – pavimento “tipo” da torre (desenho sem escala).

fonte: **Apresentação**. Documento redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000. Não paginado.

Figura 7. Museu Oscar Niemeyer – Ed. “Olho” – parede divisória fixa (sem escala).

Fonte: **Apresentação**. Documento redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000. Não paginado.

Figura 8. Museu Oscar Niemeyer – implantação anteprojeto e acesso de 1,50 m entre edificações (sem escala).

Fonte: **Apresentação**. Documento redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000. Não paginado.

Figura 9. Museu Oscar Niemeyer – maquete do anteprojeto – terreno sem desnível.

Fonte: **Apresentação**. Documento redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000. Não paginado.

Figura 10. Museu Oscar Niemeyer – expectativa frustrada – ao final do túnel avistamos uma porta pantográfica e uma pequena passagem lateral para o Ed. “Olho”.

Fonte: MELENDEZ, Adilson. Em dois edifícios, museu combinou passado e o presente, de olho no futuro. **Projeto/ Design**, n°275, p.47, jan. 2003.

8. REFERÊNCIAS DE TABELAS

Tabela 1 – Programa 2000

Fonte: Documento “**Apresentação**”, redigido pelo Governo do Paraná em Curitiba, novembro de 2000. Não paginado.

Tabela 2 – Programa 13 MARÇO 2002

Fonte: Documento **Reunião com o Governador Jaime Lerner**, anexo ao caderno de apresentação ao Banco Interamericano de Desenvolvimento produzido pela Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos em 19 de março de 2002. Não paginado.

Tabela 3 - Programa 29 MARÇO 2002

Fonte: Documento “**Novo Museu**”, apresentação ao BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento. Programa de Valorização Cultural do Paraná. Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos, versão atualizada em 29 de março de 2002. Não paginado

Tabela 4 - Programa executado em 2002

Fonte: Programa indicado em **plantas do projeto executivo** gentilmente cedidas pelo escritório Brasil Arquitetura (anexo).

AGRADECIMENTO

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo